Oferta inflada

Em 2000/01 a safra de verão estabeleceu um novo recorde de produção na região Sul do Brasil, após as constantes frustrações de anos anteriores.

Em especial no Rio Grande do Sul, onde – incluindo ainda 892.500 toneladas de trigo produzidas em 2000/01 – a produção de grãos será de 17,18 milhões de toneladas ou 23,3% acima da frustrada colheita do ano anterior, o volume neste ano comercial é recorde histórico na produção de grãos no estado gaúcho.

Região Sul: preços em baixa e volume histórico de produção de grãos na safra deste ano

ARGEMIRO LUÍS BRUM

Prós e contras

Região onde a característica é a pequena propriedade, com média abaixo de 50ha, o sucesso na safra de verão significa uma recuperação econômica importante, mesmo conjuntural, para muitos produtores endividados.

Por outro lado, o aumento da produção, como não poderia deixar de ser, veio acompanhado de uma forte redução nos preços pagos aos produtores rurais.

Mesmo assim o aumento do volume produzido acaba compensando a redução dos preços, embora ainda persista um grande problema para a maioria dos produtores: não há um controle eficiente de custos de produção, que possa informar de fato a que preço mínimo a safra deve ser vendida para pagar tais custos.

Isso explica por que a maioria dos produtores, especialmente os gaúchos, resiste aos novos mecanismos de comercialização, preferindo *sentar sobre* o produto, à espera do momento que julguem adequado para a venda. Em muitos casos esse momento já passou há muito tempo sem que o percebessem.

Soja: maior produtividade

A produção de soja, na safra de verão, deverá atingir 14,6 milhões de toneladas na região Sul – 6,2 milhões no Rio Grande do Sul; 7,8 milhões no Paraná e 510 mil toneladas em Santa Catarina.

Os mais otimistas, no momento em que a colheita na região chegava a 15% no estado gaúcho e a 60% no Paraná no final da primeira semana de abril, chegam a afirmar que a colheita gaúcha pode ficar entre 6,5 e 7 milhões de toneladas – um recorde histórico, se alcançado –, o que poderia elevar a produção final regional da oleaginosa a mais de 15 milhões de toneladas. Na safra anterior (1999/2000), a colheita total da região ficou em 13,18 milhões de toneladas.

Isso se deve especialmente ao clima, que elevou a produtividade média da região, já que a área plantada sofreu uma redução de 2,2%. De fato, a produtividade média deverá fechar em 2.500kg/ha contra 2.283kg/ha no ano anterior. No Rio Grande do Sul, por exemplo, existem algumas lavouras conseguindo superar 3.600kg/ha – algo inimaginável até o final da década passada.

Situação complicada

Ante essa oferta, os preços internos recuam, preocupando os produtores. A maioria, infelizmente, continua planejando a safra futura com base em preços realizados no passado, estratégia geralmente frustrante.

Neste ano, tomando por base o preço de balcão pago ao produtor gaúcho (média estadual) na primeira semana de abril, têm-se R$16,68/saco de 60kg. Na mesma época do ano anterior, os preços chegavam a R$17,18/saco. Quer dizer, os preços atuais estão nominalmente mais baixos.

A situação piora se considerarmos a inflação ocorrida no período.

Em dólares, os preços no início de abril de 2001 chegavam a US$7,72/saco contra US$8,31 na média de março de 2001, US$9,70 na média de abril de 2000 e US$11,00 na média histórica de 16 anos. E a tendência, na medida em que o forte da colheita gaúcha estava por vir, era de preços ainda mais baixos.

O único elemento favorável a tais preços em reais foi a repentina e conjuntural valorização do dólar a partir da segunda quinzena de março. No restante, o mercado conta com um aumento no consumo interno do farelo de soja, puxado pela crise da vaca louca e da aftosa na Europa, à medida que as exportações brasileiras de carne de frango e suíno aumentam.

Salva pela produtividade

A demanda internacional está sem fôlego para puxar o mercado, ante a forte oferta internacional. Para complicar o quadro, os EUA, em sua intenção de plantio, anunciada no dia 30 de março, informam um aumento na área de soja em detrimento de milho e trigo, justificado pelos preços internos subsidiados: o governo norte-americano garante um preço de US$5,26/*bushel* para a soja, enquanto o mercado trabalha hoje ao redor de US$4,30 a US$4,40/*bushel* – em torno dos níveis mais baixos dos últimos 30 anos em Chicago.

Aliás, os baixíssimos preços em Chi-

cago, sem tendência de recuperação, salvo por uma frustração climática nos EUA, são também um forte motivo para os baixos preços ao produtor brasileiro e particularmente do Sul do Brasil. Paralelamente, não se pode esquecer que a Argentina colhe igualmente uma safra recorde, prevista em 25 milhões de toneladas neste ano.

Mesmo assim, a renda bruta por hectare acaba sendo maior graças ao aumento de produtividade obtido. No Rio Grande do Sul, tomando por base o preço de balcão, em termos médios e projetados para o final da colheita, temos uma renda bruta em torno de R$562,00/ha contra R$ 493,00/ha na safra anterior.

É possível que tal crescimento da renda se deva a uma produtividade que vem se firmando como superior à projetada. No Paraná, os preços médios chegavam a R$17,10/saco na região de produção, fato que permitiu projetar uma renda bruta de R$810,00/ha contra R$770,00/ha no ano anterior.

Milho derruba preços

A safra de milho na região Sul do Brasil voltou a apresentar um quadro de oferta significativo, após constantes frustrações, especialmente no Rio Grande do Sul. A colheita, que no início de abril atingia 52% no Paraná, 60% no Rio Grande do Sul e 43% em Santa Catarina, indicava um volume expressivo para o ano 2000/01. No total, os três estados do Sul deverão alcançar 18,8 milhões de toneladas de milho, incluindo a safrinha. No ano anterior, a produção total da região para o cereal foi de 14,1 milhões de toneladas.

A oferta importante, mesmo com uma demanda interna aquecida, se reflete nos preços pagos ao produtor rural. Eles recuaram substancialmente no início deste ano e não deverão, no médio prazo, se recuperar.

No Rio Grande do Sul, o preço médio do saco de 60kg passou de R$11,42 no início de abril de 2000 para R$7,78 na mesma época de 2001. Em muitos locais, haviam ficado entre R$13,00 e R$14,00/saco na entressafra. Em Santa Catarina, os preços recuaram para níveis médios ao redor de R$8,50/saco e no Paraná para R$8,10/saco.

No estado gaúcho, a média em dólares, na primeira semana de abril de 2001, era de apenas US$3,60/saco, contra uma média de US$3,78/saco registrada em março, US$ 6,30/saco na média de 2000 e US$ 6,55/saco na média histórica dos últimos 16 anos.

De importador a exportador

Os preços só não recuaram mais porque a região Sul se mobilizou para exportar o milho. Assim, o Brasil passou de importador a exportador de milho neste ano, devendo vender ao exterior entre 500 mil e 1 milhão de toneladas, segundo projeções. Nos primeiros dois meses de 2001, as vendas externas nacionais chegaram a 216.276 toneladas; a Espanha adquiriu quase 85% desse total.

Os preços tendem a continuar caindo, principalmente em maio e junho, pois ainda há muito milho a ser colhido. Passada a colheita da soja, o reinício da colheita do cereal deverá, portanto, pressionar novamente para baixo os preços do milho, em particular no mercado do Sul do Brasil.

Chuva de arroz

A produção de arroz em casca, característica do Rio Grande do Sul na região, mais uma vez acusou um volume importante, tendo aumentado 0,8% em relação ao ano anterior: de um total de 10,1 milhões de toneladas que o Brasil produzirá neste ano 2000/01, o estado gaúcho contribuirá com 5,04 milhões de toneladas, essencialmente de arroz irrigado.

Santa Catarina e Paraná produzirão respectivamente 822.800 e 174.200 t. No total, a região Sul produzirá 6,04 milhões de toneladas contra 5,99 milhões no ano anterior. A produtividade média da região chega a 5.319kg/ha, sendo 6.050kg/ha em Santa Catarina e 5.470 no Rio Grande do Sul. No Paraná, com produção de sequeiro, a produtividade atinge 2.245kg/ha. A área plantada na região Sul diminuiu 0,73%, ficando em 1,13 milhão de hectares neste ano. Desse total, o Rio Grande do Sul participou com 922 mil hectares.

Mesmo com o forte recuo da produção no Centro-Oeste, essa oferta acaba por derrubar os preços pagos aos produtores.

O Centro-Oeste brasileiro passou a produzir um arroz da mesma qualidade do gaúcho. A produção de 2,09 milhões de toneladas do ano passado declinou para 1,45 milhão de toneladas no ano comercial 2000/01 – queda de 30,7%.

Em contrapartida, a Argentina revisou para cima sua área cultivada com arroz, elevando-a para 134.400ha. A produção de arroz prevista nos outros três países do Mercosul, fortes exportadores do produto para o Brasil, deverá chegar a 600 mil toneladas na Argentina, 950 mil toneladas no Uruguai e 89 mil toneladas no Paraguai.

Do total de 1,639 milhão de toneladas a ser produzido por esses três países, cerca de 35% apenas serão consumidos localmente. Os restantes 65% irão pressionar o mercado brasileiro, forçando ainda mais o recuo dos preços no mercado sulino.

Para se ter uma idéia da realidade regional, em 2000 o Brasil importou 200.206 toneladas de arroz em casca, depois de ter importado 637.577 toneladas em 1999, sendo que desse total quase 88% vieram da Argentina.

Com isto, o preço do produto em casca ao produtor do Rio Grande do Sul, no início de abril de 2001, estava em R$12,04/saco de 50kg na média do estado. Embora um pouco melhor do que o registrado nessa mesma época, em 2000, quando o preço girava ao redor de R$11,84/saco, a diferença não paga a inflação do período.

Em dólares, o preço atual representa no mercado gaúcho US$5,57/saco, contra US$6,17/saco na média de março, US$6,58/saco na média do ano 2000 e US$9,88/saco na média histórica dos últimos 16 anos.

A média em dólares de março de 2001 é a pior já registrada nesse mês nos últimos 17 anos. Assim, aos valores atuais, a safra atual não estaria pagando os custos de produção, segundo a maioria dos arrozeiros da região.

Argemiro L. Brum é professor do Decon/Unijuí, doutor pela EHESS de Paris-França e coordenador da Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário (Ceema).